

## Philosophia barata

Quando um homem não tem absolutamente que fazer, philosopha. E' uma delicia philosophar-se, em se tendo o estomago a dar horas e uma duzia de credores a pagar, *cadaveres*, na gyria dos que se sentem indignados, quando se lhes cobra o que devem.

Não é este positivamente o caso do rabiscador destas linhas; deve pouco, porque tem pouco credito e é esta uma razão a que não se pode de modo algum fugir.

Credito tivesse eu, que credores não me faltariam. O grande Darwin, firmando as suas theorias sobre a lucta pela existencia, muito claramente deu a entender que quem é tolo neste mundo, pede a Deus que o mate e ao diabo que o carregue. E tinha carradas e carradas de razões o illustre pensador inglez. O mundo ha de ser sempre do mais forte; quem não pode vencer pela força, vence pela astucia. Na guerra, como na guerra. Quem fôr fraco, que se console e se resigne á sua sorte.

*Le monde marche*, disse Pelletan e, sem ter com esta phrase descoberto a polvora fez sentir o primoroso estyllista que é preciso que a gente marche como o mundo.

Quem se deixar ficar atraz, que se arranje, como puder. Ninguem irá estender-lhe a mão, no momento do desalento supremo, quando as forças desapparecem de todo, ou quasi de todo.

— Que se aguentem no balanço! exclamam os indifferentes, os fortes, os que tiveram mais rijeza nas pernas para não se deixar ficar na bagagem.

O meu visinho cobiça uns palmos de terra do meu terreno; namora-os noite e dia; é um luxo de olhadellas que chega a dar na vista. Se eu me fizer de molle, é porque são mesmo os palmos de terreno que hão de lhe pertencer, por esta unica e poderosa razão: elle é mais forte do que eu.

Se fôr forte, se conseguir ficar firme no posto, então é o contrario, elle é que ha de perder uma duzia de palmos do terreno d'elle.

E' o direito da força, uma coisa que ha de ser sempre muito mais poderosa que a força do direito.

Convença-se desso quem quer que me dê a honra de uma leitura.

Eu posso ter toda a razão; estar acobertado pela lei, da cabeça aos pés, por todos os artigos imaginaveis do direito... se não tiver o direito da força, posso mandar dar um giro a tal historia da força do direito.

O *egoismo* é a grande mola, a *suprema lex* que rege o universo.

Com toda a franqueza; se me ha de doer um calo, que perca o visinho a perna debaixo de um bond.

Comprehendo que é doloroso, que é brutal este excesso de franqueza; mas que querem?

*Dura veritas, sed veritas*. E dizem qua a verdade manda Deus que a digam.

Prefiro francamente que o visinho tenha a casa queimada; mas não quero que se queime um movel na minha; só se elle me desse um outro de superior qualidade.

Assim, sim.

No primeiro caso, eu estaria quites com elle, com esta simples e summaria phrase: Coitado! Que prejuizo que elle teve.

No segundo caso, isto é, na hypothese da avaria do meu movel, eu teria de ir ter com o marceneiro, fazer uma despeza extraordinaria, incommodar-me, e ainda por cima ficar em casa com um objecto remendado.

Assim penso que me deve ser mais suave que arda a casa do visinho; mesmo porque o visinho não tem outras ideias a meu respeito. Amigos, amigos, negocios aparte. . . o que se pode parodiar do seguinte modo: se tenho de morrer eu, morra meu pae que é mais velho.

E nisso vae uma verdade profunda de que eu não tenho a vaidade de ser o descobridor.

*Cada qual puxa a braça para a sua sardinha*, diz o rifão popular que é a sabedoria das nações. Não ha sentenças tão altamente verdadeiras, como essas que correm na bocca do vulgo e que passam de geração

em geração, cada vez mais robustecidas pela evidencia esmagadora dos factos.

*Cada qual puxa a braça para sua sardinha*, o que quer dizer por outros termos, que pouco importa que a sardinha do outro não fique assada. Que não esteja crua a minha é tudo quanto sinceramente deseja quem quer que se deixe de baboseiras de amor ao proximo, uma historia tão possivel de ser posta em pratica, como a legendaria republica de Platão.

— *Amae ao proximo, com a vós mesmos*, não se farta de dizer o Nazareno.

E elle amou, com todo o seu vasto coração, onde abrigava a humanidade, com toda a grandeza do seu genio, com toda a superioridade do seu temperamento que nunca teve equal. Mas morreu por isso mesmo, victimado pela tyrania dos que não comprehenderam nunca a sublimidade da sua palavra e a revolução immensa que dellas nasceria para a historia da evolução da humanidade, atravez dos seculos.

Tudo isso quanto ahí fica atraz é muito triste, mas é tambem muito *tugar commum*.

O caso é que não ha ninguem mais proximo de mim do que eu mesmo, e se a questão é de amar ao proximo com a nós mesmos, começo por amar a minha pessoa que é a mais proxima de mim. Primeiro os de casa; no que faço muito bem!

*Matheus, primeiro os teus*, diz ainda a sabedoria das nações, na concisão dos seus decretos e de suas leis de que não ha apellação, nem agravo. Fiquei profundamente penalizado, ha dias, quando me disseram que um amigo meu tinha perdido quasi toda a sua fortuna, na celeberrima questão das *debentures*; senti immensamente; mas muito mais sentido ficaria ainda, se um gatuno me batesse o relógio que é de nickel.

E por hoje basta de philosophia barata.

SCHOPENHAUER MIRIM.

## A volta do Joca

O medico desesperava de poder salva-la. A molestia resistia pertinazmente a todos os recursos da sciencia e a todos os carinhos da familia.

Fôra uma lucta titanica, ingente, lucta de muitos dias contra a violencia da febre que se desenvolvia cada vez mais.

D. Julieta chegara ha pouco á Mendes para onde a enviara o medico. Talvez que com a mudança de ares ella melhorasse; mas nem assim.

A risonha villasinha em nada modificara para melhor o estado da enferma e esta, via-se bem, definhava de um modo assustador.

— E' somente, pelle sobre os ossos! murmurava a creada, a preta Joanna, enxugando as lagrimas.

E de facto, a dedicada servente, com esta phrase traduzia perfeitamente o estado da moça.

Antes de sahir do Rio, a conselho do facultativo, foi posto em um collegio o Joca, o unico filho da inditosa senhora, esposa de um estimado advogado, o Dr. Alberto Soares.

Ella quiz leval-o consigo; mas o doutor fez sentir ao marido a inconveniencia da creança ao lado da doente. A sua presença poderia aggravar-lhe os padecimentos... a lembrança, ou antes a preocupação de que o deixaria só, e abandonado no mundo, apressaria de certo o desfecho fatal que o medico previa, embora não o dissesse ao desolado marido. Para que? Estas coisas nunca se dizem.

Forçosa foi portanto a separação que se fez por entre as lagrimas de ambos, na estação da estrada de ferro.

Quando o trem se poz em movimento, ella, a pobre mãe que tinha o coração despedaçado, ainda teve forças para debruçar-se á portinhola e accenar com o lenço para o pequeno que enxugava os olhos.

O marido quiz se fazer de forte; mas não pôde, e deante de tamanha dor, chorou, chorou, como uma creança.

D. Julieta preferia que a deixasse n no Rio.

— Sei que vou morrer, murmurava ella com voz fraca; sei que vou morrer; deixem-me ao menos esta ultima consolação: o meu filho, ou me querido filho.

Creio que não tornarei a vel-o. E' uma crueldade que pretendem fazer.

Baldados foram os rogos e as supplicas da enferma. As ordens do medico eram terminantes. Separar-se quanto antes para evitar o effeito moral da presença do pequeno.

Em Mendes a molestia permaneceu estacionaria durante alguns dias. Voltou, porém a febre, a febre dos tuberculosos, lenta, tenaz, persistente, febre que nunca abandona os doentes e que alimenta a tosse e a tosse a secca que é o depauperamento dos pulmões e enfraquecimento de todo o organismo.

Ja não havia esperanças; já não era possivel a cura; porque a verdade se impunha, soberana, esmagadora, como a propria fatalidade.

Era preciso portanto curvar a cabeça diante da desgraça. E o desolado marido aguardava resignado o desfecho d'aquella agonia de todas as horas, de todos os instantes.

Uma manhã D. Julieta acordou, sobresaltada chamou o marido que dormitava em uma *chaise-longue*, na sala.

Era muito cedo ainda.

— Sabes, disse ella, eu morro de hoje para amanhã!

— Que ideia, murmurou elle. Porque motivo dizes isso?

— Porque sonhei e parece-me que desta vez não é engano.

— Tolinha! Ainda acreditas em sonhos!

— Acredito, sim... e quero pedir-te um favor.

— Falla, querida.

— Telegrapha já para a corte, para que venha o nosso Joca.

— Ora essa! Creio que não é preciso.

— Faze o que te peço, se queres acudir á ultima vontade de tua mulher.

O Dr. Soares, contendo a custo as lagrimas que lhe vinham aos olhos, tentou inutilmente resistir. Ella queria e declarava que, se não a attendessem, não poderia morrer tranquilla.

Foi necessaria fazer-se-lhe a vontade. O Dr. Soares telegraphou immediatamente.

O pequeno só poderia vir no dia seguinte.

D. Julieta peiorou sensivelmente durante o dia.

— Só vivo, dizia ella, pela esperança de ver meu filho.

No dia seguinte, quando passou o trem, chegava o menino.

A doente já não tinha forças. Ao vel-o entrar, com o seu bonito uniforme de botões dourados, ergueuse a meio sobre a almofada em que repousava a cabeça.

Arroio-se; chamou-o para perto de si e beijou-o lógicamente, apaixonadamente.

Quando elle separou-se dos braços maternos, ella apenas teve um ultimo olhar, um ultimo sorriso de agradecimento para o marido que apertava-lhe ternamente as mãos.

Morrera, sem uma convulsão, como morrem os anjos.

OLIVAL

## ECONOMIA DOMESTICA

### As fitas vermelhas

O leitor é por ventura um condecorado? A leitora gosta das fazendas vermelhas? Faz uso de fitas encarnadas?

Tanto as fitas, como as fazendas estão sujeitas a se alterarem. Seu colorido, a principio agradável ao olhar, desmerece, perde a frescura com o uso e sob a acção do sol ou da chuva. E' natural que, por motivo de economia, se queira saber por que processo se lhe restituirá a frescura e brilho primitivo.

Nada mais facil. Compre se, em casa de um drogista, sal de estanho (protochlorureto); façam-se dissolver em uma grande quantidade d'agua e com este preparado lave-se a fita ou o panno, fazendo-o seccar á sombra.

## AVISO

Persistindo a grande baixa do cambio e a sequente elevação do preço das materias e salarios, vêm-se os abaixo assignados s uma vez obrigados a alterar os preços ta folha, que ficam vigorando como segue :

### CAPITAL FEDERAL

Anno . . . . .	22\$000
Semestre . . . . .	12\$000

### ESTADOS

Anno . . . . .	24\$000
Semestre . . . . .	13\$000
Numero avulso . . . . .	1\$500

Em razão do augmento de preço, informas ás pessoas que nos remetterem dinheiro assignaturas novas ou reformas, que, para r delongas, far-se-hão as assignaturas por o correspondente á quantia recebida.

H. LOMBAERTS & C.

## Um pic-nic

o, muito cedo, pela manhã, o bando alegre a-se prompto para o matutino passeio ao Jardim ico.

ia sido combinado de vespera que o farnel seria ado em casa; carnes frias, um pouco de vinho o, duas garrafas de vinho do Porto... para que

lberto sentia-se feliz e á vontade, como um n'agua.

passeio elle o desejava ha muito tempo e a dia a dia os momentos que o separavam da da excursão. Esta chegou finalmente e logo de a, o nosso heroe poz de promptidã todas as aterias de ataque: um magnifico paletot, cõr ana, collete de brim branco e calça da cõr do t.

se julgava irresistivel. No *pic-nic*, com certe nguem lhe levaria vantagens. Estava *irrepro-*

arietta (já bem deve ter adivinhado a leitora, que io de tudo isso existe por força alguma *ella*) a ta trajava saia azul e casaco folgado de case- anco, toilette apropriada para a excursão de re- m que devia tomar parte.

a esta Marietta o alvo, o objectivo unico dos os e do aprimorado do nosso Alberto Veiga injou-se como lhe foi possível, do melhor modo e indicou o espelho e, quando se vio gurboso, te, foi ter á casa do pae da encantadora Ma- onde encontrou a tropa toda reunida.

bravo geral acolheu o recém-chegado! ue bonito!

omo vem faceiro!

stá que é um louvar a Deus!

ssim, sim!

s e outras phrases cruzavam-se em todas as di- s.

osso bom Alberto sentia-se mais feliz e mais e do que o grande Napoleão, ao ter certeza da a de Austerlitz que conquistara graças ao seu estrategico.

agem correu placida e serena, em um bond es- no meio dos risos e das galhofas de todos quan- dirigiam ao nosso tradicional passeio.

Era dia de festa em toda a extensão da palavra.

As pilherias dos homens, as risadinhas das moças cruzavam-se em todas as direcções.

Um passeio digno de uma chronica.

O almoço foi servido debaixo de uma das grandes ruas de arvores que cortam a grande alea das palmeiras. Foi mesmo no chão, correndo o vinho á farta, animando os olhares e apimentando a conversação.

Terminada a refeição, dispersou-se o bando por sobre as grandes aleas, alegre, ruidoso, como um raio de sol.

Dissemos no começo que o nosso Alberto fõra ao passeio, por causa da encantadora e formosa Marietta. Desgraçadamente para elle fazia parte do bando excursionista um portuguez, recém-chegado da terra, forte, nervoso, rijo e são, como nm pero.

Chamava-se João das Dermas e tinha pulsos de abater um touro.

Ambos comprehenderam que eram inimigos irreconciliaveis; mas estas coisas nunca se dão a entender em boa e fina sociedade.

Terminada a refeição, no meio do passeio que todos faziam, por sob as grandes ruas de arvores, disse o portuguez:

— Oh! meu charo Sr. Alberto, quer fazer commigo uma corrida?

O outro comprehendeu perfeitamente. A menina Marietta seria o premio. O Dermas embarçava-o e queria humilha-lo, meio simples de levar a melhor.

Hesitou entretanto. A musculatura do adversario mettia-lhe medo.

Marietta entretanto animou-o com um olhar.

Era uma ordem. Obedeceu.

Tratava-se de ver quem chegaria primeiro ao tanque do centro.

A moça, em quanto os dois combinaram a partida, foi collocar-se, bem perto do ponto de chegada. Apenas elles se approximaram do almejado tanque, ella se apresentou.

O Dermas fitou-a e ella sorriu-lhe e este sorriso foi a sua perda, porque o triste deixou-se ficar na bagagem paralyzado pela physionomia encantadora da moça.

Triumphou o Alberto, mas triumphou unicamente por este estratagem a á que deveu ser elle o preferido.

E. RODRIGUES.

## Porque sou triste?

Porque sou triste, si alegrar me cabe  
A minha Mãe, já velha e alquebrantada  
Que tem vivido, como só Deus sabe,  
De continua tristeza amargurada?

Não terá jus ao meu amor ardente  
Quem tendo sido, como foi, tão pobre,  
Me ensinou a presar unicamente  
O grande, o bello, o verdadeiro, o nobre?

E não merece as minhas poesias  
Quem me contava o nome das estrellas,  
Dizendo: «Silvio, vê as Tres Marias,  
E estas... e aquellas... Que bonito é vel-as!»

Pois minha Mãe, que me trazia ao peito,  
E me embalava, quando mais menino,  
Não tem agora, por egual, direito  
De querer que eu lhe abraque o seu destino?

Tudo lhe devo, desde a luz da vida  
Até a mesma luz que me allumia,  
Pois, só por minha doce Mãe querida,  
Não vejo a noite quando brilha o dia!

Porque sou triste? Quem lhe consola  
A noite da velhice, que já desce?  
Quem me dera um sorriso por esmola,  
Com que sorrir minha mãe podesse?

SILVIO DE ALMEIDA.

## O Parisiense Prehistorico

Fez-se uma interessantissima descoberta, quando se procedia a excavações para os fundamentos da torre Eiffel. A quatorze metros de profundidade, a alavanca de um obreiro poz em claro um fragmento de louça de barro contemporaneo do homem que vivia na idade de pedra, isto é, ha cem mil annos.

O terreno de Paris que devia desaparecer, nesta época, sob as abobadas mysteriosas de gigantescas verduras, perdia-se no meio de immensas florestas.

Os habitantes humanos destes bosques eram bem raros. Agglomerados em uma anfractuosidade de rochedo de que faziam a sua morada, ahi viviam, ferozes, salvagens, occupando-se em talhar o silex de que faziam suas armas e que lhes serviam para caçar os animaes cuja carne comiam, mesmo crua.

Onde agora se ostenta, ruidosa, a cidade de Paris, reinava então calma absoluta.

O silencio tão austero dos bosques era perturbado unicamente pelo passo pesado de algum grande quadrupede, porque o mammoth, o rhinoceronte, o grande boi, o elephante, e todos os animaes do periodo quaternario, cuja raça se extinguiu ou abandonou os nossos climas, viviam no Norte da França. São numerosos os indicios que atestam a sua presença; em Paris, rua Pagevin, no lugar da casa do Correio, foram encontrados restos de mammoth. Um dente do mesmo animal foi descoberto, na rua Lafayette e á rua Doudeville acharam-se restos fosseis de um rhinoceros.

Se a rua Lafayette é actualmente movimentada por quadrupedes, de passo mais ou menos pesado e sob tudo menos rapido, que se chama «cavallos de fiacre» e, se a presença de um rhinoceros na rua Doudeville parecesse actualmente bizarra, não é menos para surpreender que em nossa época de civilização exista ainda, em certas partes do mundo, homens absolutamente primitivos e selvagens, como deviam ser os que habitavam Paris cem mil annos, antes de nós.

Os vestigios destas raças primitivas, encontram-se principalmente na Africa. Na peninsula de Malaca, ha negros, pelludos como macacos, que vivem em ninhos e que são tão rebeldes a qualquer aperfeiçoamento vital, que é impossivel ensinar-se-lhe mesmo o que se ensina aos animaes. Querem inculcar lhes qualquer coisa—os viajantes que os tem visto, o affirmam—sua estupidez é tal que, ao menor esforço, para comprehender, cahem com somno, e se se insiste, ficam até doentes.

Encontram-se ainda selvagens entre os bichimanos, na Papuasias, na Melanesia, em Ducto, em Ceylão, em Fernando-Po. Em todos se encontram alguns signaes distinctivos, a ausencia de morada, por exemplo, a falta de energia e de todo o movel outro que não seja a fome. Esta é a pura voracidade.

Tem-se visto os Arkari, entre outros, e diversas raças da Australia com rem animaes mortos e podres e até a bicharia que lhes cobre o corpo.

Os Fueguianos, cujos especimens já foram vistos em Paris, devoram peixes crus.

O pudor é sentimento que os primitivos não conhecem. Em certas partes da Oceania, só cobrem o corpo por causa do frio. Entre outros costumes barbaros ficou a anthropophagia.

Entre os Caraibas, a carne humana chama-se *publa baliva*, o que quer dizer porco grande; comem-na por simples gulodice.

Na ilha de Sumatra, um povo primitivo, os *Britabs*, praticam a antropophagia judiciaria, os condemnados a morte, ligados a um poste, são devorados aos poucos.

Os Capanaguas que habitam no archipelago de Bantow dão a antropophagia um outro destino, fazem uma questão de piedade filial. O capanagua come seu velho pae, para dar-lhe uma sepultura digna.

Os elegantes que passeiam no boulevard dos Italianos procedem, portanto, de homens que tem uma grande analogia com aquelles que acabamos de descrever.

## Julinha

Morreu, ha dias, a pobre Julinha, a unica filha do meu nobre e excellente amigo Almeida de Castro.

Era a sua primeira filha, o primeiro fructo do seu amor... uma tentação de criança, loura como um raio de sol, risonha e carinhosa como uma esperança.

Enchia a casa com o seu riso argentino, travessa, bregeira, radiante de saude e de vida, mimosa como um botão das rosas, suas irmãs.

Era todo o thesouro dos seus progenitores: o pai o Castro só possuia os 400\$000 de ordenado que lhe dava o seu emprego de guarda-livros, em uma casa commercial.

Vida modesta, por estes tempos de carestia em que tudo se obtem pelo dobro.

Entretanto isto não o amofinava... trabalhava, sempre, constantemente, noite e dia, por que pensava ainda haver de preparar um futurosinho para a sua adorada Julinha.

E era um prazer para mim jantar em sua companhia, tel-o ao meu lado, á sua meza, vendo-o radiante a servir a encantadora filhinha, com este carinho que só possuem os paes extremosos.

Uma delicia!

Ha um mez mais ou menos recebi delle o seguinte e laconico bilhete:

« F.. minha filha está muito doente. Não tenho socego; comprehendes-me, não é assim? »

Comprehendia de sobra e dei-me pressa em procurar o meu amigo, rua Itapirú n...

No mesmo dia la fui... effectivamente estava bastante enferma a creança a quem eu me habituara a vêr trefega, sacudida, enchendo a casa de alegrias e de risos.

Desta vez era ella completamente outra: uma tosse secca, convulsa, agitava-lhe todo o corpo, magro pelo soffrimento; só lhe restava do brilho de outros tempos, o fulgor dos grandes olhos intelligentes que pareciam maiores pela magreza da face.

Senti um frio immenso no coração; mas ainda tive coragem de perguntar lhe:

— Como vae a minha boa amiguinha?

— Ella respondeu-me com um sorriso.

Chegava eu exactamente na occasião em que a desolada mãe da desventurada creaturinha tratava inutilmente de fazel-a tomar uma colher de um remedio que o medico receitara em sua ultima visita.

A creança resistia tenazmente: não queria, amargava muito... Era uma obstinação contra a qual não poderia offerecer recursos o pobre pae amargurado pela dor immensa que o affligia.

Julguei que devia intervir e intervim.

— Tome o remedio disse-lhe eu, tome o remedio, que logo mais, hei de trazer-lhe uma boneca, muito grande que diz *papá* e *mamá*.

Julinha abriu muito os olhos e perguntou-me:

— Traz hoje mesmo?

— Hoje mesmo.

A creança, sem vacillar, fazendo visiveis esforços, ingiriu o medicamento.

Depois, sempre sorrindo, com o sorriso triste d'aquelles de quem se avisinha a morte, disse-me:

— Está satisfeito?

— Estou.

— Então hoje terei a minha boneca?

— Com certeza.

E á tardinha recebia a minha pequena amiga a ma's bonita boneca allemã que pude encontrar na rua do Ouvidor.

Foi desse dia em diante a boneca a companheira de todos os momentos da triste enfermiasinha.

Nunca mais a vi, por ter sido obrigado a partir, em comissão do governo, para Ouro-Preto.

Foi la que recebi a seguinte carta do Castro, tarjado de preto:

« F.. minha adorada filha morreu: ao expirar tinha bem unida aos seus labios a boneca que lhe deu Conservo, como depositario do seu ultimo suspiro este mimo que é agora para mim a recordação viva d'aquella que mora hoje entre os anjos »

OLIVEIRA E SILVA.

## Ao Partir

O vapor já ia longe, muito longe. Mal se distinguia na linha azul do horizonte um ponto alvo; era a casaria branca de cal, risonha de sol, que ficava atraz no indefinido da distancia, na confusão das coisas longinquas.

O pobre moço, debruçado sobre a amurada do vapor, sentia saudades de tudo aquillo que apenas advinhava muito distante, mas muito distante e que entretanto resumia toda a historia de sua vida, todo o poema de sua mocidade, placida, tranquilla, com o conchego do lar domestico, sem perturbações, sem violencias, sem abalos.

Se azas tivesse, voaria de certo, por sobre a immensidade azul, e iria poisar, alegre, sobre o campanario da igreja de onde se descortinava toda a cidade, derramada pela planicie fóra, ora certa e regular, ora caprichosa nas curvas das ruas, ruas seculares que traduziam annos e annos de uma longa historia que era a historia da sua consolidação.

Alli nascera e alli mesmo acabaria os seus dias, a imperiosa lei da lucta pela existencia não lhe impuzesse o dever de abandonar o ninho paterno, em busca



PASSEIO NO BOSPHORO

## A Patinação

O mais antigo patim conhecido está conservado no *British Museum* de Londres. E' um osso de cavallo vacca, trabalhado de modo a poder adaptar-se ao e deslizar sobre o gelo; só muito de longe se parece com os patins que se ligam aos pés, por correias e muito menos ainda com o elegante patim americano que com um rapido e unico movimento prende-se á das botinas, em menos tempo do que é preciso para escrevel-o.

Um navegante da Noruega já teve a intenção de travessar a Groelandia, de Este a Oeste, em patins de neve que lá se chamam, *shidors*.

Em todos os paizes do mundo, a patinação não constitue, como em Paris, um simples prazer. Pelo contrario, em muitos paizes em que o inverno é rigoroso, a patinação é uma necessidade.

Em Frisa, ser-se-ia obrigado a não se deixar o parto durante muitos mezes, se não se soubesse patinar; e, facto curioso, os Frisões, que na bella

estação são pesados e desageitados e apenas se mexem, tornam-se no inverno de uma agilidade extrema, uma vez que tenham patins.

Vão-se aos grupos, devorando immensas extensões de neve com a lamina de seus patins, com passos largos e cadenciados; casaes, enlaçados pela cintura, levando na cabeça uma cesta com comestiveis, ou outros objectos, franqueam, patinando, enormes distancias; e vão de suas aldeias á cidade levar os productos que querem vender. Pilati, um auctor do seculo XVIII, affirma que habéis patinadores frisões iam de Leyde e Amsterdam em uma hora, e o trajecto é de vinte e quatro kilometros.

Os Frisões de hoje não degeneraram; um bom patinador frisão franqueará mais rapidamente tres leguas sobre o gelo do que um cavalleiro, montado sobre o melhor cavallo, uma legua e meia.

Os patins frisões são pouco empregados em Paris. São muito compridos, muito largos e a ponta da lamina é arrebitada, enrolada em uma espiral que faz diversas voltas.

E' quanto a este instrumento de locomoção que mais se manifesta o luxo frisão.

Nós temos nossos carros e o grão de riqueza os transforma em um carrinho de varaes, ou em um brilhante *oito-molas*.

O patim do Frisão, se o Frisão é pobre, é um pedaço de pau commum em uma lamina de aço; mas se o Frisão é abastado, seu patim mostra o grão de sua riqueza.

Ha até patins com incrustações de ouro, laminados de prata e ornados de pedras finas.

Para o exercito tambem, em certos paizes do Norte, a patinação é uma necessidade. Na Hollanda diversas tropas entregam-se sobre o gelo a todas as evoluções do seu officio; na Noruega formou-se um corpo especial que se chama « regimento dos patinadores ». Os homens que compoem este regimento são munidos de um patim composto de dois pedaços de madeira delgados e afilados, presos ao pé por correias de couro e cuja extremidade anterior é suspensa.

O patim esquerdo é mais curto que o patim direito. Para poderem parar instantaneamente, os patinadores servem-se de um longo bastão ferrado.

E' tambem seu ponto de apoio, quando querem fazer fogo.

## SABONETE RIFGER

PHENICO e GLYCERINADO

Maravilhosa descoberta approvada pela  
Inspectoria Geral de Hygiene

Este sabonete, que representa o maior esforço da sciencia, tem feito grande revolução pela acção que recebeu em todas as partes do mundo em que tem sido usado. O consideravel numero de pessoas que d'elle tem usado, confirma a superioridade d'esta combinação scientifica, collocando-o entre os primeiros dos sabonetes medicinaes até hoje descobertos pela sciencia moderna.

Este maravilhoso sabonete faz desaparecer em poucos dias as manchas e espinhas do rosto, sardas, caspa, empigens, darrhos e erupções da pelle, deixando-a macia e avelludada, dando-lhe especial belleza, sendo além d'isto um seguro preservativo das molestias epidemicas, em virtude da acção benéfica do acido phenico que entra em sua composição.

Milhares de attestados de pessoas insuspeitas e de abalizados clinicos affirmam sua efficacia.

Preço: duzia, 15\$; um, 1\$500; caixa de 3, 4\$

DROGARIA CARVALHO FILHO & C.

32, RUA DE S. PEDRO, 32

METHODO INFALLIVEL

## DE MOCIDADE E DE BELLEZA

perpetuas, creada pela

PARFUMERIE EXOTIQUE, 35, Rue du 4 Septembre, à Paris  
com o auxilio do succo benéfica das flores e das plantas que entram na composição de seu cosmetico.

Citemos entre outros:

**L'Eau et la Creme** que parecem ter vindo entre nós sobre a aza perfumada do zephiro

**Brise Exotique** para apagar a ruga, o tisne, as sardas, purificando, amaciando e clareando a pelle.

**La Fleur de Pêche** suave pó de arroz que dá á epiderme uma alvura transparente rosada que idealisa o semblante.

**La Pate des Prelats** que vos faz essas mãos de marquezas que os abbades galanteadores do seculo passado declaravam serem simplesmente adoraveis;

**La Poudre des Prelats** completa a obra da pasta dando á mão alvura transparente veuada de azul e

**Le Savon des Prelats** preparado com principios iguaes aos da pasta, lustrada, refresca e purifica-a; a sua espuma unctuosa comunica-lhe delicioso perfume ao penetrar nos poros.

Cumpra exigir o nome e a direcção da

PARFUMERIE EXOTIQUE, 35, Rue du 4 Septembre, à Paris  
sobre todos os productos, para certificar-se de que são verdadeiros.

## NINON DE LENGLOS

escarnecia da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, atirando sempre os pedaços da sua certidão de baptismo que rasgava á cara do Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. « Muito verde ainda! » via-se obrigado a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista faceira jamais contaria a quem quer que fosse das pessoas d'aquella época, descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECONTE, Rue du 4 Septembre, 31 à PARIS.**

Esta casa tem-no a disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provêm, por exemplo, o

**DUVET DE NINON**

pó de arroz especial e refrigerante;

**Le Savon Crème de Ninon**

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

**LAIT DE NINON**

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

**LA POUDRE CAPILLAIRE**

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

**SEVE SOURCILIERE**

que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

**LA PATE ET LA POUDRE MANODERMALE DE NINON**

dara finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

Em Casa de todos  
os  
Perfumistas  
e  
Cabelleireiros  
de  
França  
e do  
extrangeiro

**VELOUTINE**  
PÓ  
DE  
FLOR  
DE  
ARROZ  
especial  
PREPARADO  
COM BISMUTHO  
POR  
**CH. FAY**  
Perfumista  
9, Rue de la Paix, 9  
PARIS

EXPOSITION  UNIV<sup>lle</sup> 1878  
Medaille d'Or Croix de Chevalier  
MEMBRO do JURY — FORA de CONCURSO  
EXPOSITION UNIVERSELLE 1889

**BOUQUET CHOISI**  
Novo Perfume para o Lenço

**E. COUDRAY**

Artigos Recommendados:  
**PERFUMARIA de LACTEINA**

Recommendada pelas Celebridades Medicas.

PÓS de ARROZ varios.  
AGUA DIVINA, dita Agua de Saude

ESTES ARTIGOS ACHAM-SE NA FABRICA

PARIS - 13, Rue d'Enghien, 13 - PARIS

Depositos em todas as Perfumarias, Pharmacias  
e Cabelleireiros da America.

**M<sup>mes</sup> DE VERTUS Sœurs**  
de PARIS  
12, Rue Auber, 12

desejando pôr termo á contrefacção detestavel, tanto pela forma como pelos aviamentos empregados, tem a honra de prevenir a sua clientela que os "*Verdadeiros espartilhos*" sahindo realmente da Casa de **VERTUS Sœurs**, levarão a datar de 1892, uma medalha presa do espartilho por uma fita vermelha tendo impressa a *Marca da Casa*.



Esta marca é depositada em França e no Brazil e toda a contrefacção será perseguida conforme é lei.

MOSAICO

Seneca encontrou um dia um cão que parecia imensamente enfermo.

Tomou-o nos braços e conduzia-o para casa, afim de tratar d'elle, quando um galhofeiro lhe disse :

— Seneca a conduzir um cão !

— E' melhor do que conduzir um burro.

\*

Perguntaram um dia ao grande Newton como conseguira aprender tanto.

— Aprendendo com todo o mundo, respondeu modestamente o grande sabio.

\*

Jaccoliot, tratando dos elephantes que elle considerava os animaes mais intelligentes (exceptuando o homem) conta o seguinte curioso caso :

« Um elephante tratava de beber agua em uma bacia ; este vaso, porém, estava inclinado e não podia receber agua bastante, porque a que n'ella cahia, fugia pelo outro lado.

O elephante, em vista de tal difficuldade, meditou, reflectio e acabou por tanger com um pé uma pedra com que calçou a bacia, restabelecendo assim o equilibrio da mesma, podendo então beber agua á vontade.

\*

A maior qualidade e a melhor prova que um homem póde dar de sua boa educação é ter o cuidado de, em uma conversa, abster se de fallar da propria pessoa, deixando que os outros tomem o tempo tratando das proprias.

\*

Dialogo interessante:

— Oh ! eu detesto os imbecis.

— Bem se vê que é egoista.

AS NOSSAS GRAVURAS

Passeio no Bosphoro

Ao longe descortina-se Constantinopla, a cidade que, na opinião do eminente escriptor italiano Ed-

mundo d'Amicis, é a mais bella do universo, vista de longe ; muito embora, seja outra a impressão do viajante, ao saltar em terra.

O sol illumina toda a paysagem e no primeiro plano vò a fragil embarcação que rapida corta as ondas em direcção á cidade de Mahomet

Ha muita luz e muita vida no quadro de Kehebreck.

Uma visita ao harem

Rarissimos são os mortaes que se podem gabar de honra suprema de uma visita ao harem do Sultão. Muitos pagam com a vida a ousadia de penetrar no intimo do palacio, onde o soberano oriental guarda como um cerbero, aquellas que lhe galvanisam, um pouco, uns restos de mocidade, apodrecidos pela visão dos carinhos a centenas de escravas suas, unicamente destinadas aos seus gozos.

Representa uma das salas do harem do Sultão a estampa que damos hoje á publicidade e que é devida ao talento do illustre pintor orientalista Kehebreck.

DELETTREZ EM PARIS INVENTOR DA NOVA PERFUMARIA extra-fina DE AMARYLLIS DU JAPON. Recomendada pelas Celebridades Medicas. Sabonete... de AMARYLLIS DU JAPON. Pó de Arroz... de AMARYLLIS DU JAPON. Essencia... de AMARYLLIS DU JAPON. Agua de Toucador... de AMARYLLIS DU JAPON. Vinagre de Toucador... de AMARYLLIS DU JAPON. Oleo para os Cabellos... de AMARYLLIS DU JAPON. Brilhantina... de AMARYLLIS DU JAPON.

T. JONES Fabricante de Perfumaria Inglesa extra-fina. VICTORIA ESSENCIA O mais delicioso perfume do Mundo. FLUIDE IATIF Macia a pelle, embelleza-a e a torna flexivel. LA JUVENILE Branca, Cór de Rosa ou Cór Rachel. LAIT IATIF, chamado LILY WASH para embellezar a tez. CREAM IATIF Conserva-se em todos os climas. AGUA DE TOUCADOR JONES Tonica e refrescante. ELIXIR E PASTA SAMOHTI Dentifricio antiseptico e tonico. 23, Boulevard des Capucines, 23, PARIS.

CORYLOPSIS DO JAPÃO. T. T. PIVER em PARIS. NOVA PERFUMARIA Extra-fina. SABÃO... ao CORYLOPSIS do JAPÃO. EXTRACTO... ao CORYLOPSIS do JAPÃO. AGUA-TOUCADOR ao CORYLOPSIS do JAPÃO. LOTO... ao CORYLOPSIS do JAPÃO. OLEO... ao CORYLOPSIS do JAPÃO. FOMADA... ao CORYLOPSIS do JAPÃO.

KARPE DE DENTIÇÃO do Dr DELABARRE. Karpe sem narcotico recommendado ha já 20 annos pelos medicos. Egija-se o Carimbo official e a assignatura Delabarre. FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacias.

PAPEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS de Bin BARRAL. Recomendados pelas summidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da ASTHMA, das OPPRESSÕES, das ENXAQUECAS, etc. FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacias.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O VESICATORIO DE ALBESPEYRES. o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS. FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faub' St-Denis, PARIS E AS PRINCIPAES PHARMACIAS.

PILULAS DE BLANCARD. APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS. Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO. 40 Rua Bonaparte PARIS. Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a Anemia, Chlorose e todos os casos em que se trata de combater a Pobreza do Sangue.

OLEO de HOGG de FIGADO FRESCO de BACALHAO NATURAL e MEDICINAL. Receitado desde 40 ANNOS, em França, Inglaterra, Hespanha, Portugal, Brazil, Republicas Hispano-Americanas, pelos primeiros medicos do mundo, contra as molestias do Feito, Tósse, Crianças franzinas, Tumores, Irrupções da Pelle, Pessoas fracas, Flôres-brancas, etc. FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacias.



### UMA VISITA NO HAREM

le outras plagas, onde lhe fosse possível adquirir meios de util e honesta subsistencia.

Sahira com o coração ralado por uma magoa profunda: deixava a familia estremecida em cujo con-hego vivera sempre, deixava a noiva, a escolhida de eu coração, aquella a quem promettera toda sua vida, odo o seu ser, aquella que era a imagem de todos os seus instantes e aventurava-se em um futuro para elle tenebroso, onde nada podia divisar, a não ser o imprevisito.

Mas era preciso partir, por que a isto o obrigava a maior de todas as leis: a lei da necessidade.

Hora de magoas supremas! Hora de angustias sem nome!

E elle não tinha mais lagrimas para chorar; porque a as chorara todas, antes de partir, ao lembrar-se de que ia deixar, na incerteza do que iria encontrar.

Chorou, chorou muito, louco fora de si, noites inteiras.

Era preciso partir; esta phrase sinistra, esta lei fatal impregnara-se-lhe no cerebro, como um ferro em braza. Quantas vezes o travesseiro ficou humido dos prantos que elle derramava na solidão da noite. Quantas vezes surpreendeu o a aurora, de pé, doente allucinado, a fitar aquella mar immenso que ia separal-o dos seus?

E foi um martyrio dolorosissimo o espaço de tempo que o separava do seu embarque. Embarcou emfim.

E agora olhava elle, triste, alquebrado a linha azul do horizonte onde mal se distinguia um ponto branco. Este ponto branco era a sua terra natal; era o seu berço, era o ninho de seus amores. E tudo aquillo desaparecera, fugiu-lhe á vista, como um sonho de rosas que nos escapa em um despertar importuno.

Se elle pudesse voar para aquella ponto branco que se divisava muitissimo ao longe que era o ninho dos seus amores!

Mas o vapor caminhava impiedosamente, rasgando as ondas, levantando espumas. Elle olhava sempre, sempre, o infinito na direcção do ponto branco que se afundava na linha azul do horizonte. Minutos depois só havia mar e ceu; o mais era a immensidade, a solidão do navio á mercê do oceano. E elle já não avistava o seu querido ponto branco, o ninho de seus amores.

E so então isolado, entre dois infinitos, comprehendeu a enormidade de seu abandono. E chorou beijando a photographia da noiva que lá ficou, no ponto branco que se perdera no horizonte.